

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Mestrado de Ciências em Emoções

Impacto do medo e raiva induzidos pela exposição à temática do
crime e violência

André Torrejano Margalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestrado de Ciências em Emoções

Orientadora:

Professora Doutora Patrícia Arriaga,

ISCTE-IUL

Junho, 2018

Agradecimentos

Os meus agradecimentos vão em primeiro lugar para a minha Orientadora da Dissertação, a Doutora Patrícia Arriaga. Agradeço-lhe sobretudo os conhecimentos que me passou, as ajudas que me deu nas questões e dúvidas que fui tendo ao longo deste processo, e por último, agradeço-lhe a motivação que me foi dando ao longo deste tempo, sem a qual, talvez, não conseguisse chegar até aqui. Obrigado!

Obrigado aos meus Pais, Avós, Tios, Irmãos, Primos, Cunhadas, Cunhados, Sobrinhos, Amigos, Colegas e outras pessoas que me apoiaram e motivaram neste processo.

Obrigado também aos restantes Professores e colegas do curso de Mestrado de Ciências em Emoções.

Obrigado às pessoas que amo profundamente e que já não se encontram presentes fisicamente mas que estarão sempre comigo no meu coração – nas minhas emoções!

Resumo

O presente estudo teve como objectivo analisar o impacto dos conteúdos relacionados com crime e violência ao nível das suas emoções, comportamentos e atitudes. O estudo experimental foi realizado junto de uma população de 90 pessoas, das quais 60 foram influenciadas emocionalmente através da recordação de um evento que tivessem vivido na televisão ou nas redes sociais, os outros 30 participantes correspondiam ao grupo neutro que serviu de comparação. Os resultados esperados consoante a emoção sentida – medo ou raiva – da qual se esperavam resultados distintos ao nível das variáveis dependentes – insegurança, medo do crime, comportamentos de protecção, punição e preocupação com a vítima – não foram aqueles que se previam. Mesmo assim foi possível encontrar alguns resultados marginais que nos poderão ser produtivos aquando de um novo estudo sobre o tema, nomeadamente ao nível do consumo de conteúdos de crime e violência nos media - sobretudo os acontecimentos reais – e a sua influência nos indivíduos ao nível do sentimento de vitimização.

Palavras-chave:

Violência; Emoções; Raiva; Medo; Media,

Abstract

The aim of this study was to explore the impact on the Portuguese population related to crime and violence in regards to their emotions, behaviors and attitudes. The experimental study was carried out on a total of 90 Portuguese participants, of whom 60 were emotionally influenced by television or social networks, whereas the other 30 participants corresponded to a neutral group to serve as a comparison. The expected results according to the emotion felt, whether from fear or anger , were expected to be different in relation to the follow variables “ insecurity, the fear of crime, protective behaviors, punishment and concern for the victim”, which were not anticipated, however it was possible to find some marginal results that could be productive for a new study on the subject, namely the content of crime and violence shown in the media - especially real events - and their influence on individuals in the sense of victimization.

Key-words:

Violence; Emotions; Anger; Fear; Media,

INTRODUÇÃO

A veiculação de notícias sobre crime e violência, assim como de Programas de televisão que se dedicam a este tipo de temáticas, despertam a atenção das pessoas e cativam um número significativo de audiências, sobretudo devido ao seu impacto emocional. Em Portugal, programas como o SOS 24 e o Linha aberta, juntos, têm mais de um milhão de pessoas a consumirem os seus programas (Zapping, 2017, 2018). Este estudo experimental e exploratório, tem como objectivo perceber o impacto que os conteúdos de índole violenta e criminosa têm nas emoções dos espectadores e consumidores deste tipo de informação, ao nível da sua percepção de risco de vitimização, ao nível da sua segurança, em relação às suas preocupações com a vítima e nas suas atitudes punitivas em relação ao transgressor ou criminoso. Segundo Brader, Groeneyk e Valentino (2010), este estilo de informação gera nos seus consumidores emoções muito intensas, tais como a de medo e de raiva; segundo estes autores, estas duas emoções têm respostas motivacionais e psicológicas diferentes. No caso da raiva, isto é, no caso em que uma pessoa sinta sobretudo raiva aquando a visualização do tipo de informação que tratamos aqui – crime e violência -, estas pessoas terão uma maior pré-disposição para Punir o agressor e serem mais solidárias com as vítimas, ao invés, o medo gera nas pessoas sentimentos de evitamento e fuga em relação a estes acontecimentos e aos seus protagonistas, as pessoas que sentem mais medo ao verem notícias sobre violência e crime normalmente exigem mais protecção e têm uma maior percepção do risco de vitimização, assim como se sentem mais inseguras, entre outros.

Este trabalho pretende analisar os comportamentos (evitamento ou aproximação) e motivações normalmente associadas às emoções de medo e raiva (Newhagen, 1998), aquando de uma vivência de um evento de crime e violência nos *Media*, e testar em que medida estas emoções e comportamentos/motivações associados, influenciam os indivíduos ao nível da sua segurança, ao nível das suas atitudes Punitivas e em relação à sua preocupação com os outros.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. *MEDIA & EMOÇÕES: Crime e Violência*

Os *media* - Televisão, Jornais, Rádio, Internet, Redes sociais-, são o principal veículo de comunicação acerca de casos de criminalidade e violência. Através dos *media* somos informados diariamente acerca de acontecimentos relacionados com actos de terrorismo, com casos de violência doméstica, maus tratos policiais, entre outros. A instrumentalização da violência e do crime por parte dos *media* poderá ser uma forma de exploração das emoções dos seus espectadores, Arriaga, Félix e Ulrich (2011) referem que existe uma certa gratuitidade na apresentação deste tipo notícias devido ao seu impacto emocional.

Segundo um estudo sobre o panorama do consumo dos *media* em Portugal por parte da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (2016), é através da televisão que os portugueses consomem este tipo conteúdos, sendo a televisão ainda o principal meio de comunicação social e aquele que os portugueses utilizam mais. A televisão é o formato dos *media* que os consumidores utilizavam mais regularmente (99%), seguindo-se a Rádio (73%), o consumo de jornais e revistas com dois terços, quer impressa quer online (68%). Já o consumo de Internet, segundo os inquiridos no estudo (39,5%), estes não utilizam frequentemente este formato, como acontece noutros países europeus. Segundo ainda este estudo, a imprensa recorre à internet no sentido de estender o seu formato de papel, assim como aprofundar os seus conteúdos actualizando-os e disponibilizando-os de uma forma mais rápida.

São estes *media* que, “mal ou bem”, vão reproduzindo o sentimento de que se pertence a um grupo ou uma nação, onde as normas e os valores são comuns a todos. Segundo Carrilho (2008), os *media* são um veículo de disseminação de palavras e imagens e os principais fomentadores da cultura de massas.

Penedo (2003), num estudo realizado acerca da temática do crime veiculado pelos *media*, analisou o aproveitamento e a exploração que dois dos jornais mais mediáticos da imprensa portuguesa fizeram das notícias sobre criminalidade e das histórias transgressivas. Segundo a autora, este género de notícias evocam um forte sentimento de desordem, medo e revolta nas comunidades, o que faz com que este tópico social de elevado relevo seja de muito interesse no mercado dos *media* em termos económicos. Segundo a autora, devido à atenção que estas notícias dispertam ao nível emocional na população, faz com que haja uma sobrerrepresentação da criminalidade por parte dos *media*. Este estilo de jornalismo como forma de captar um determinado público, explora o medo, a ansiedade e o stress do indivíduo, como se tratasse de uma experiência real e directa, inculcando no espectador um possível cenário de vitimização. O aproveitamento dos *media* por este género de notícias, assenta nas qualidades que “estas” têm ao nível da quebra na normalidade quotidiana devido à sua carga dramática. Segundo a autora, existe uma “sobrerrepresentação da criminalidade violenta” no universo dos *media* (p.92), baseando-se em estudos já realizados sobre o fenómeno a autora refere-nos que este tipo de narrativa é uma mais valia ao nível da concorrência no mercado dos *media*. Por exemplo, num caso em que o papel das autoridades competentes (Ministério Público e Polícias) falhe na reposição da ordem pública após um crime, fará com que a dramatização da vitimização seja explorada pelos *media* com mais intensidade. O estudo em causa, analisou os conteúdos relacionados com a criminalidade em dois dos jornais mais consumidos em Portugal - o Diário de notícias e o Correio da Manhã -, a autora pôde observar que o padrão de redacção de ambos caracterizava-se pela brevidade do conteúdo, na identificação dos intervenientes e sobre o papel da polícia ao nível do controlo ou não da situação. A atenção da notícia centrava-se na acção transgressiva, e no caso do Correio da manhã, este tinha uma maior incidência de crimes violentos e sangrentos, dando destaque este jornal ao grafismo e ao título relacionado com o evento, assim como é este jornal que mais privilegia o testemunho da vítima e das testemunhas do acto transgressivo - retirando destes o máximo de pormenores possíveis relacionados com o acontecimento. Este estilo jornalístico e o destaque para o grafismo de imagens chocantes/violentas, a par do tratamento da notícia mais emotivo e menos imparcial, faz do correio da manhã um jornal de referência ao nível das notícias relacionadas com a criminalidade. Na sua nota

final, a autora salienta que “a violência e o crime, estão a ser apropriados e explorados pelos media electrónicos devido ao seu poder sedutor e à atenção que este tipo de conteúdos desperta no público, não se diferenciando por vezes o que é informação e o que é entretenimento” (p.100).

Dentro deste contexto é importante salientar Rosa (2011), o qual fez um estudo de análise social de uma notícia que teve um forte impacto na sociedade portuguesa, o conhecido “Arrastão de Carcavelos” (2005). De destacar neste artigo sociológico de Análise de conteúdo do fenómeno do arrastão, a unanimidade por parte dos *media* em relação a este acontecimento ao nível da exploração noticiosa, na promoção do alarme social e na fomentação do medo e da revolta na população portuguesa. De facto, até 2005 nunca se tinham produzido tantos artigos na imprensa nacional sobre o “arrastão”- cerca de 150 artigos sobre o acontecimento num espaço de tempo entre o dia 11 de Junho e do dia 15 de Julho (2015, p.126). Na verdade, o impacto que este acontecimento teve na população Portuguesa, foi aproveitado pelos *media* ao nível das audiências, apesar de mais tarde a notícia ter sido desconstruída por vários jornalistas e outras entidades, como o Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural (p. 126), referindo-se às mesmas, como narrativas distorcidas segundo um conjunto de falsidades relativamente aos intervenientes e vítimas.

Este tipo de fenómeno - Arrastão de Carcavelos -, normalmente reproduzido e veiculado pelos *media* é designado de *Pânico Moral*, o fundador deste conceito foi o sociólogo Stanley Cohen (1972/1987, citado em Machado 2004). Este fenómeno social caracteriza-se como um produto de um discurso moral dramatizado, que tem como objectivo a formação de um consenso social, que procura identificar e rejeitar os responsáveis do desvio, estabelecendo um combate entre as forças do bem e do mal, num confronto entre os desviantes e os agentes oficiais da comunidade. Desta forma, a exclusão e a estigmatização dos “outros”, tem como função social a coesão do grupo social dominante (nós). No caso do arrastão de Carcavelos, os “outros” seriam os emigrantes africanos e o grupo dominante os portugueses (Machado, 2004). Goode e Ben Yehuda (1994), abordaram o fenómeno do Pânico Moral através de um método quantitativo, o qual procurou perceber as reacções individualizadas a este fenómeno, segundo um modelo que mediu cinco atributos: preocupação, hostilidade, consenso,

desproporção e volatilidade. O estudo foi aplicado junto de uma população de estudantes no qual se pretendia estimar as suas reacções face aos crimes de armas de fogo. Os resultados do estudo demonstraram que os alunos com mais medo de serem vítimas de crime eram aqueles que mais subscreviam o Pânico Moral como um fenómeno real. Dentro deste contexto da relação da criminalidade violenta veiculada nos media e o medo de vitimização, o sociólogo Gerbner (1976), desenvolveu várias pesquisas sobre a violência na televisão e o seu impacto na sociedade Americana, as ideias centrais do autor, são as de que os espectadores consumidores desse tipo de informação poderiam desenvolver uma percepção da sua realidade social como sendo mais violenta, assim como desenvolvendo uma maior desconfiança em relação aos outros, e um elevado medo de vitimização de um crime. Segundo a *Teoria da Cultivação de Crenças* de Gerbner (1972), a exposição crónica a um determinado estilo de narrativa conceptualizando a sociedade como sendo uma realidade perigosa e violenta, pode influenciar a forma como os indivíduos percebem a realidade à sua volta ao nível cognitivo e emocional. A teoria defende que poderá existir um enviesamento por parte de consumidores desse estilo de informação, causando nestes, uma certa reactividade emocional e um forte sentimento de protecção.

Media e Emoções

Vivemos numa sociedade em que um simples telemóvel de última geração pode transmitir em primeira mão e em directo um atentado terrorista, ou uma situação de bullying numa escola. Muitas vezes essas transmissões são primeiramente visionadas nos media sociais e só posteriormente divulgadas por entidades jornalísticas oficiais.

A exposição à violência nos media por parte dos cidadãos e o impacto deste fenómeno nos indivíduos ao nível das suas crenças, comportamentos e atitudes, tem sido alvo de vários estudos. Em Portugal foi realizado um relatório por parte da Rádio Televisão Portuguesa, sobre a avaliação da programação de 1997 “Avaliação da violência na televisão Portuguesa” - Vala, Lima & Jerónimo, 1997. Os objectivos do estudo foram os de quantificar, qualificar e perceber a presença da violência nos diferentes canais

portugueses, assim como, caracterizar o grau de violência veiculada por cada uma das estações - RTP, RTP2, SIC e TVI. Comparativamente com outros países, como os EUA e França, no estudo referido, não foram encontradas diferenças nos tipos de conteúdo de violência, tanto ao nível da densidade e na frequência de violência transmitida. Através de análise de conteúdo das narrativas e histórias em que a violência estava presente, os autores verificaram que nos conteúdos ficcionados por exemplo, a punição aos agressores era escassa, a identificação com os agressores era forte, e que estes últimos eram apresentados como heróis e ídolos para as crianças, o que segundo os autores este aspecto poderia fomentar a aprendizagem da violência e a sua “normatividade social” (p.238). Segundo Bandura (1973), os indivíduos no seu processo de aprendizagem podem adquirir certos comportamentos, através não só da sua experiência junto dos seus pares, mas também através dos modelos que são veiculados pela televisão, este autor defende que os modelos transmitidos pelos media têm o mesmo impacto que os modelos ao vivo. Bandura é referido, entre outros, por Patrícia Arriaga, no seu estudo sobre os efeitos psicológicos dos jogos violentos (2006), no qual menciona o seu contributo (Bandura) no estudo dos efeitos da violência filmada na aprendizagem, ao nível dos comportamentos, nas atitudes, como fenómeno de imitação e na desinibição/facilitação da agressão.

Gerbner (1990, citado por Moreira & Monteiro 2009), refere-nos que o ser humano vive num mundo “construído pelas histórias que conta”, assim como, a maior parte daquilo que nós pensamos ou sabemos *não foi realmente experienciado*. Com o advento da televisão “a maior parte das histórias já não é contada pelos agentes socializadores tradicionais, tais como os pais, escola, a família.” (p. 31). Ao invés, são os *media* e as suas organizações que têm vindo a substituir o papel de educador e socializador das populações. A reprodução contínua por parte das televisões de “histórias, imagens, padrões, a ser exibidas pela televisão, uma e outra vez, faz com que os espectadores tendem a confundir o mundo ficcional da televisão com o mundo real” (idem).

Segundo ainda a *Teoria da Cultivação de Crenças* de Gerbner e seus colaboradores (Arriaga et al., 2016), a exposição crónica a um determinado estilo de narrativa conceptualizando a sociedade como sendo uma realidade perigosa e violenta, pode influenciar a forma como os indivíduos percebem a realidade à sua volta, ao nível cognitivo e emocional. Esta teoria defende que poderá existir um enviesamento por parte de consumidores desse estilo de informação, causando nestes, uma certa reactividade emocional e uma necessidade de protecção. Pressupõe-se assim que a televisão pode influenciar o modo como as pessoas percebem a sua realidade social, ao que Wober (1978), designou como “percepção paranoíde do mundo”.

Zillman (1998), num ensaio sobre os efeitos e a apresentação da violência nos *media*, analisou um conjunto de autores e perspectivas sobre a temática, nomeadamente sobre os efeitos da violência veiculada nos *media* no medo de vitimização, segundo um tipo de consumo de violência ficcionada ou não ficcionada, sobretudo aquela que é caracterizada pelos casos de mortes e imagens de mutilações. Neste contexto o autor cita Gerbner e Gross (1976, p. 186), que nos dizem o seguinte: “o medo é uma emoção universal que é fácil de ser explorada e a violência simbólica uma forma barata de cultivar o efeito do medo de uma forma eficiente”.

Segundo Rule e Ferguson (1986), a representação mental que um indivíduo desenvolve ao visionar conteúdos violentos, está relacionado com o processo da atenção, é este processo que determina o que é seleccionado e o que é extraído do que se observa na nossa mente. Normalmente, os aspectos menos salientes e mais complexos são aqueles que menos são lembrados, ao contrário dos mais salientes, como é o caso dos conteúdos violentos ou de índole criminosa. Sturm (1984), responsável pela descoberta do “missing half-second”, descobriu que os indivíduos levam cerca de meio segundo a processar informação veiculada pelos *media* - assim como aquela vivida presencialmente-, segundo Sturm, durante este processo as emoções agem de uma forma mais eficaz e rápida, em comparação com o processo cognitivo, o qual leva mais tempo a descodificar a informação. Numa revisão sobre os *media* e emoções Wirth e

Schramm (2005), os autores referem que as emoções vivenciadas nos media estão muito próximas daquelas vividas no dia-a-dia, por exemplo, no seu processo emocional e cognitivo de avaliação da informação de um qualquer formato - Televisão ou Internet - e respectivo conteúdo -Notícias. Segundo os mesmos autores, os indivíduos poderão ser indirectamente influenciados durante esta interacção e contagiados, por exemplo, por um discurso político que apesar de não ser agressivo na forma, mas que no entanto aquando da avaliação que o consumidor fará desse discurso poderá provocar uma emoção social como a raiva e o medo. Este processo designa-se de “emoção induzida”.

Emoções: Medo e Raiva

Loiola (2016), num ensaio sobre vídeos violentos, descreve-nos o impacto que estes conteúdos têm ao nível das estruturas mais antigas do nosso cérebro, activando nestas estruturas, instintos de sobrevivência que nos preparam para a luta ou para a fuga. Uma das estruturas responsáveis por esta activação é a amígdala, esta estrutura tem a função de activar as reacções corporais em situações de perigo e risco de vida, activando o medo, a ansiedade e o stress. Segundo o autor as emoções negativas veiculadas através dos *media* de eventos reais, ajudam a preparar o indivíduo em termos mentais e fisiológicos para situações adversas. Para Lang e Bradley (2010), as imagens, pensamentos e as sensações “ameaçadoras”, activam automaticamente no indivíduo os seus sistemas mais antigos, como o sistema límbico e as suas respostas reflexivas (batida cardíaca, oxigenação dos músculos e membros, entre outras). Para estes autores a evolução do cérebro e a sua capacidade de modulação e inibição das pulsões mais antigas fez com que a reacção a certos estímulos se tenha tornado mais flexível e adaptativa.

Para Damásio (1994), perante uma situação aversiva/estímulos negativos, o organismo, segundo o autor, terá a tendência para se aproximar ou afastar-se de acordo com a avaliação emocional que o mesmo fizer da situação ou do objecto ameaçador; esta reacção, tem como objectivo proteger e preparar o organismo para uma resposta

adequada que garanta a sua autopreservação. As várias emoções são activadas no processo de sobrevivência e na auto-preservação, entre estas emoções, a raiva e o medo por exemplo, segundo o autor, terão sido responsáveis pela sobrevivência e protecção das várias espécies ao longo da evolução. Estas premissas vão de encontro às ideias de Kornosky (1967), o qual propôs a existência de um circuito neuronal e corporal de sobrevivência composto por dois sistemas motivacionais: um de ordem defensiva e associado a experiências desagradáveis, e um outro sistema motivacional, associado à procura de experiências agradáveis. Para este autor, a raiva e o medo fazem parte do sistema de protecção do organismo, garantido estas emoções a sobrevivência da espécie em questões como a reprodução e a protecção dos seus descendentes. Mais tarde, outros autores Dickinson & Dearing (1979), reformularam as ideias de Kornosky, classificando-as segundo um primeiro sistema motivacional, o do desejo/apetite, associado à preservação do organismo, à aproximação e à procura, e um segundo sistema motivacional, o sistema de defesa, relacionado com a protecção e a aversão a estímulos negativos. Segundo estas ideias, os circuitos neuronais no córtex primitivo e no sistema límbico são responsáveis pela activação das duas motivações comportamentais acima descritas, as quais são determinadas pela intensidade emocional dos estímulos, sejam eles de ordem aversiva (sistema defensivo/protecção) ou atractiva (sistema apetitivo/desejo).

Damásio (1994), no seu célebre livro o “Erro de Descartes”, descreve pacientes com lesões no córtex pré-frontal que apresentavam dificuldades em tomar decisões. Segundo este autor, o processo da tomada de decisão tem como objectivo escolher a melhor opção de resposta perante um conjunto de possibilidades, isto é, para isso o indivíduo tem de conhecer a situação em causa, as possíveis escolhas e as suas consequências imediatas e futuras. Damásio verificou que as emoções desempenham um importante papel na tomada de decisão e no raciocínio, colocando em causa teorias anteriores que separavam a razão da emoção. Segundo o autor, as emoções sinalizam o indivíduo através de um mecanismo designado marcador somático, permitindo avaliar se uma qualquer situação de escolha é boa ou má, dirigindo a nossa atenção para as consequências positivas ou negativas de uma determinada escolha e respectiva tomada de decisão. A importância das emoções no organismo como um todo – corpo e cérebro, na percepção de ameaças ou perigos e na interpretação dos estímulos negativos, como

as notícias sobre crime ou violência, podem ser muito relevantes para detecção e antecipação de possíveis perigos e ameaças.

Brader (2011), num estudo sobre o impacto das políticas governamentais ou partidárias associadas a eventos ameaçadores provocando nos indivíduos emoções de medo e raiva, conclui-o, que as ameaças despertam emoções negativas, que a raiva e o medo são activadas consoante as características do discurso veiculado e que estas emoções têm disposições diferentes consoante os componentes do discurso. O medo perante uma ameaça é quase sempre despoletado; já a raiva poderá ser só activada numa situação de ameaça específica, como, por exemplo, nos casos em que num dado evento atribuímos culpa a um determinado autor que agiu de forma intencional. Uma outra conclusão do estudo foi a de que a raiva activada (arousal) nas pessoas perante uma ameaça é mais intensa, comparativamente com activação do medo: “A raiva provoca nos cidadãos agressividade e acções punitivas, enquanto o medo provoca comportamentos de defesa e tendências proteccionistas. “(p. 19).

Newhagen (1998), testou o impacto que certas imagens de notícias recordadas têm nos indivíduos ao nível da activação emocional de raiva, medo e repugnância. No estudo da autoras, era esperado que estas emoções conduzissem os indivíduos a dois tipos de comportamentos diferentes: aproximação ou evitamento. Para esta autora, a raiva é a emoção mais intensa (a nível fisiológico) e aquela que nos poderá fazer aproximar/agir e atacar perante uma injustiça ou ameaça ao nosso bemestar. Perante a mesma situação, a resposta fisiológica do medo será menos intensa e o comportamento será de evitamento. Os resultados mostraram que as imagens de notícias induziam as três emoções – medo, raiva e nojo – e que a raiva mostrou uma maior associação a comportamentos de aproximação, seguido do medo e do nojo. Resultados semelhantes foram obtidos para a evocação de memórias de emoções negativas: a raiva associada a comportamentos de aproximação e o medo e repugnância a evitamento. Por outro lado, a raiva/revolta foi a emoção que mais prontamente foi recordada. Dentro deste contexto, Solloway, Slater, Chung & Goodall (2013), realizaram uma experiência on-line, onde

os participantes eram expostos a imagens de 60 crimes relacionados com o consumo de álcool. Os autores tentaram perceber de que forma as notícias sobre esta temática poderia mudar as opiniões e o apoio dos indivíduos em relação às políticas e medidas legislativas sobre a prevenção rodoviária. Segundo os autores, estas atitudes podem ser despoletadas pelos efeitos que este género de notícias exerce nas emoções de medo e raiva, que por sua vez podem afectar os processos motivacionais e a tomada de decisão. Os autores consideraram que apesar de ambas as emoções terem uma valência negativa, as respostas poderão ser opostas em termos de atitudes e comportamentos. Os autores verificaram que a raiva, ao nível empático, associadas aos efeitos dos conteúdos das notícias, era activada nos casos em que existiria um culpado. Quanto ao medo, verificaram que esta emoção é activada nos casos em que a possibilidade do risco é mais difusa, naquelas em que a percepção dos culpados não é clara e no caso em que o sentimento de protecção é diminuto.

Empatia

Emoções como o medo e a raiva poderão ser desencadeadas perante estímulos negativos, que ilustrem violência, ou pela recordação de uma vivência de violência diretamente experienciada ou observada nos meios de comunicação social. A empatia poderá ser um factor importante nesta vivência emocional experienciada através dos media. O ser humano perante uma situação em que um “outro” ser humano esteja em sofrimento e dor, fará com que tendencialmente o primeiro se coloque no lugar do outro/vítima, ou seja, partilhe as suas emoções e o seu sofrimento. A empatia é um conceito que abrange factores emocionais e cognitivos, segundo Campbell & Babrow, (2004), apesar de não ser consensual o conhecimento actual acerca do impacto dos *media* ao nível empático, os autores defendem que o processo empático no contexto dos *media* e na observação de certos conteúdos abrange várias variáveis, como a compreensão do contexto e o seu realismo, o contágio emocional ou *emotional arousal*, a preocupação pelo bem estar do outro e a identificação com o outro. Entre estas variáveis destaca-se o efeito que certos estímulos mediáticos têm nas nossas emoções e

as influências destas no processo empático, nomeadamente em relação à vítima de uma transgressão ou de um acto violento.

Vitaglione e Barnett (2003) distinguiram a empatia activada pelo sentimento de tristeza, da empatia activada pela raiva/revolta. Segundo os autores, esta distinção foi demonstrada nos resultados do estudo, no qual foi possível verificar uma relação entre a activação de raiva e os comportamentos de ajuda à vítima e o sentimento de punição do transgressor ou agressor - no caso da activação da raiva o sentimento de punição e de ajuda à vítima foi superior ao da tristeza (p.321). Os objectivos do estudo eram os de perceber se a tristeza seria a emoção primordial na experiência empática e a única responsável pela preocupação com o outro e o seu bemestar, como também perceber se o sentimento de raiva poderia ter um papel relevante no processo empático. Segundo os autores a hipótese da “reactive empathy”, a pessoa que empatiza com a vítima não sente a mesma emoção ou não tem uma emoção idêntica ao da vítima, por exemplo, no caso em que uma pessoa esteja triste, a pessoa que empatize com essa pessoa ao invés de se sentir triste sentiria uma emoção oposta. Uma dessas possíveis emoções são o sentimento de revolta/raiva, neste caso, a reacção e a atitude de ajuda poderá ser mais intensa e altruísta em termos de comportamentos de ajuda em relação à vítima. Os autores concluíram que a activação empática da raiva em relação à vítima aumenta tanto a vontade de ajudá-la, como em relação ao desejo de punir o agressor. O desejo de punição por parte dos empatizadores (empathic anger) foi conceptualizado como uma forma de comportamento prosocial, sendo esta via empática diferente e mais intensa do que a empatia activada pela tristeza (empathic as sadness) em termos de comportamentos de ajuda, assim como na punição relativa ao agressor/transgressor.

Actualmente, devido à escassez de estudos em Portugal sobre o impacto da violência veiculada pelos media nas emoções, pareceu-nos pertinente explorar de que forma os cenários de violência afectam a população portuguesa ao nível das suas atitudes e comportamentos face à criminalidade violenta. Apesar de existirem muitas variáveis associadas ao tema que escolhemos, quisemos explorar os efeitos que o medo

e a raiva activadas neste cenário da violência e do crime veiculado nos *media*, têm nos indivíduos em questões como o sentimento de segurança, ao nível da punição do crime, no medo de vitimização e na empatia face à vítima.

Solloway et. al (2013), referem que as emoções com um grau de intensidade elevada, como a raiva e o medo, activadas nos indivíduos durante a exposição a conteúdos violentos, têm respostas diferentes em termos de atitudes e comportamentos, segundo este autor, no caso da raiva, esta emoção está associada a situações em que se presencia acontecimentos que julgamos injustos para nós ou para terceiros, normalmente esta emoção acciona no indivíduo uma vontade de punir o autor que levou à situação de injustiça, já o medo, os autores associam-no comportamentos de fuga e evitamento perante uma situação de perigo. Dentro deste contexto, a investigação tem como objectivo perceber quais os efeitos que a raiva e o medo têm nos indivíduos aquando de uma exposição destes a um crime violento transmitido nos *media*.

1.3. Objetivos e hipóteses do estudo

A presente investigação teve como objectivos analisar o impacto da exposição aos *media* a nível psicossocial, especificamente em termos de preocupação com vítimas, desejos de punição do agressor, percepção de risco, sentimento de insegurança e comportamentos de protecção. Para este efeito procurou-se analisar o seu impacto considerando, por um lado, os hábitos de consumo de conteúdos de violência através destes meios de comunicação social e, por outro lado, investigar em que medida emoções de raiva e medo, induzidas através da recordação de um crime de violência ao qual a pessoa esteve exposta num desses canais mediáticos, tem efeitos diferenciados nessas variáveis psicossociais.

Pretende-se assim analisar dimensões emocionais, cognitivas e sociais relacionadas com a violência física e psicológica em função da exposição ao crime violento veiculado pelos *media*.

Tendo em conta a teoria de cultivo de crenças de Gerbner e Gross (1976), é esperado que uma maior exposição a conteúdos mediáticos relacionados com o crime - considerando o tipo de narrativa que explora o medo como forma de cativar o público e cultiva nos espectadores uma ideia generalizada de que o mundo é perigoso e ameaçador - esteja associado a uma maior propensão para que os espectadores se sintam mais inseguros (H1) e vulneráveis, estimando mais a possibilidade de serem vítimas de um crime (H2), podendo ainda estar associado a maior necessidade de se proteger ou ser protegido e, por isso, na maior adopção de comportamentos de protecção (H3).

De modo semelhante, considerando as emoções que estes conteúdos induzem - o medo e a raiva - e as tendências para a acção que lhes estão geralmente associadas (evitamento para o medo; e aproximação para a raiva), é esperado, por um lado, que a indução de medo, por comparação com a raiva, desencadeie mais sentimentos de insegurança (H4), percepção de risco (H5) e comportamentos de protecção (H6); e, por outro lado, que a indução de raiva, por comparação com o medo, induza maior desejo de punir o agressor (H7) e maior preocupação pelas vítimas do que o medo (H8).

Efectivamente, é esperado que maior sentimento de raiva ou revolta remeta para uma maior mobilização de acções, quer na reposição de justiça, através da culpabilização do agressor e exigindo maior punição ao nível das penas (Nabi, 2003), mas também maior empatia e preocupação com a vítima, indo de encontro ao pressuposto da ocorrência de *Emphatic Anger*, defendida e corroborada por Vitaglione e Barnett (2003). Estes dois autores mostraram que a raiva é uma emoção que promove não só uma elevada empatia com a vítima de um crime, como também um elevado desejo de punição do transgressor.

2. MÉTODO

Participantes

Devido às eventuais consequências nefastas que a exposição ao crime poderá ter no espectador, em termos físicos, morais e psicológicos/emocionais, achámos pertinente perceber e avaliar estas questões junto de uma população residente no Concelho de Sintra (2º concelho com mais população do país e com o maior índice de criminalidade no país). A amostra foi composta por 90 participantes. As idades variam entre os 19 e os 75 anos ($M=39,11$; $DP=10,87$). A maioria dos participantes é Portuguesa ($n = 86$; 95,6%). Quanto ao sexo, 51 ($M=56,7$) são do sexo masculino e 38 ($M=42,2$) do sexo feminino. Relativamente ao estado civil, 45 (50%) dos participantes são solteiros, 15 (16,75%) casados, 14 (15,6%) vivem em união de facto, 14 (15,6%) estão separados e um (1%) é viúvo. No que se refere à escolaridade, 37 participantes (41%) têm o ensino secundário, 32 (35,6%) a licenciatura e 2 (2,2%) mestrado. Os restantes, 3 (3,3%) têm o 2ºciclo e 15 (16,7%) o 3ºciclo. A maior parte dos participantes vive com a família nuclear ou outros familiares (77,89%). Quanto à ocupação a maior parte dos participantes trabalha (82,2%) e apenas 3 (3,3%) dos participantes é estudante. A amostra foi recolhida - entre Março e Maio de 2018 - presencialmente em resposta a três questionários, os quais foram distribuídos aleatoriamente pelos seguintes três grupos ($N = 90$ no total): um grupo de 30 respondeu a um questionário que pretendia induzir a raiva; um segundo grupo de 30 pretendia induzir a emoção medo; e o terceiro grupo também de 30 - grupo de controlo – não induziu emoções.

Medidas e Procedimento

Indução e avaliação de emoções. Para a indução e avaliação das emoções recorreremos a procedimentos adaptados do artigo de Jones, Bastian e Jones (2016). Foram distribuídos três questionários aleatoriamente por três grupos: o grupo de controlo não foi sujeito

nem à indução de emoções nem à avaliação do estado emocional. Nos dois grupos de indução de emoções (raiva ou medo) os participantes foram solicitados a recordarem uma notícia de um crime de violência real, no qual tivesse sido exposto no último ano nas redes sociais ou em outros meios de comunicação social, e que os fizesse sentir medo (grupo de indução de medo) ou revolta (grupo de indução da raiva). Após a vivência dessa recordação, pedimos aos participantes que escrevessem detalhadamente o que sentiram e o que pensaram aquando dessa memória. Posterior a esta manipulação, os participantes destes dois grupos reportaram o seu estado emocional, que tinha como objectivo analisar a intensidade emocional e verificar a eficácia da manipulação. Solicitámos aos participantes para reportarem o modo como se sentiam no momento, em relação a um conjunto de estados afectivos (20 itens; formato de resposta de 7 pontos, 1 = "Não sinto a emoção minimamente" a 7 = "Sinto a emoção com muita intensidade") (cf. Arriaga & Almeida, 2010): Raiva (4 itens: furioso, irritado, revoltado, irado; $\alpha=.89$), Medo (4 itens: assustado, com medo, aterrorizado, nervoso; $\alpha=.86$), Tristeza (4 itens: triste, desgostoso, comovido, deprimido; $\alpha=.71$) e Repugnância (3 itens: enojado, nauseado, repugnado; $\alpha=.83$). Nos itens relativos a emoções positivas não houve variabilidade nas respostas, dado que 94,1% respondeu que não se sentiu minimamente animado e 98% não se sentiu divertido. Não havendo variabilidade nas respostas este conceito não foi analisado.

Adicionalmente, a verificação da manipulação foi complementada através de uma avaliação "cega" de um avaliador e outros dois avaliadores internos, segundo um conjunto de indicadores, conquanto, os relatos das experiências dos participantes ao nível emocional e a sua relação coerente com a escala de emoções. Os critérios serão explicados de uma forma mais detalhada na secção dos resultados.

Meios de Informação: consumo de crimes de violência

Relativamente ao consumo de crimes de violência nos meios de informação por parte dos participantes, foi-lhes pedido que indicassem a frequência com que eram expostos a este tipo de conteúdos nos seguintes formatos: Televisão (Crime real em Noticiários e/ou Documentários), Televisão (Crime Ficcional, ex. Filmes, Séries, etc.), Jornais diários ou semanários (impresso ou online), Rádio, Pesquisas na Internet, Redes Sociais e outros meios. Foi-lhes também perguntado a frequência com que eram expostos a crimes de violência no Bairro onde viviam ou na sua zona de residência. A escala utilizada para medir a frequência da exposição a crimes de violência nos *media*, variou entre o 0 (Nunca) e 4 (Quase sempre).

Preocupação/Empatia com as vítimas

Avaliou-se a preocupação com as vítimas através da “escala de preocupação pela vítima” (VCS: Victim Concern Scale; Clements et al., 2006). O conceito está relacionado com os diferentes níveis de preocupação com a vítima, consoante o crime perpetrado e as diferentes vítimas. Este instrumento incluiu 14 itens, que foram respondidos numa escala com um formato que variava entre 0 “Nenhuma preocupação” e 4 “Extrema Preocupação”, permitindo avaliar três dimensões da preocupação em relação às seguintes vítimas: 1) Vítimas “vulneráveis” de crime violento (6 itens: vítimas de sequestro, agressão violenta, agressão doméstica, abuso sexual infantil, violação e crimes de ódio; $\alpha=.91$); 2) Vítimas de roubo e assalto a propriedades (3 itens: vítimas de assalto a automóveis, de roubo a automóveis; e carteirista ou assalto a pertences pessoais; $\alpha=.81$); e 3) Vítimas “culpáveis” (4 itens: vítimas que traficam drogas, vítimas toxicodependentes; vítimas que pertencem a gangues; e vítimas com história criminal; $\alpha=.88$). Foi ainda avaliada a preocupação global com vítimas, correspondendo à média das respostas à totalidade dos itens ($\alpha=.92$).

Punição do Agressor.

Foram usados itens da escala de atitudes punitivas usada no estudo de Dowler (2003), designadamente a opiniões favoráveis à libertação de reclusos antes do cumprimento da pena efectiva por bom comportamento. Foram acrescentados dois itens adaptados à realidade portuguesa, um primeiro relacionado com a opinião a favor da prisão preventiva e um segundo, a favor da pena máxima na lei portuguesa, correspondente a 25 anos de prisão. A escala utilizada para medir o nível de concordância relativamente à punição dos transgressores, variou entre o 0 (discordo fortemente) a 4 (Concordo fortemente), sendo o ponto central da escala o 2 (Não discordo nem discordo). Atendendo a que a escala não apresentou consistência interna aceitável, foram consideradas apenas as respostas aos seguintes itens, opinião a favor da libertação de reclusos antes do cumprimento da pena efectiva por bom comportamento, opinião a favor da prisão preventiva e a favor da pena máxima na lei portuguesa, correspondente a 25 anos de prisão, estes itens foram analisados individualmente.

Percepção do Risco, sentimento de insegurança e comportamentos de segurança

Para avaliar a percepção de risco, o sentimento de insegurança e os comportamentos de protecção, foram adaptados ao nosso estudo as escalas desenvolvidas no âmbito da tese de doutoramento de Inês Guedes (2012).

Para avaliar o **sentimento de insegurança**, foram adaptados cinco itens do estudo de Guedes (2012), para se adequar às características da nossa amostra. Por exemplo, o item “Como se sente quando caminha sozinho na cidade do Porto durante o dia?”, foi substituído por “Como se sente quando caminha sozinho na sua zona de residência durante o dia?”. O formato de resposta variou entre 1 (muito seguro) e 5 (muito inseguro). Os valores da escala foram invertidos, sendo que quanto maior for a pontuação, maior é o sentimento de insegurança. A consistência interna desta variável foi elevada ($\alpha=.92$).

Para avaliar a **percepção do risco**, as respostas variaram de 1 (muito seguro) e 5 (muito inseguro), a variável medo de vitimização foi construído segundo os seguintes três itens: “Ser vítima de algum tipo de roubo ou assalto, sem violência”, Ser vítima de algum tipo de violência por parte de pessoas conhecidas” e “Ser vítima de algum tipo de violência por parte de pessoas desconhecidas”, $\alpha=.77$.

Os itens relativos aos **comportamentos de segurança** foram igualmente retirados de Guedes (2012). Esta medida pretende avaliar as seguintes dimensões comportamentais de protecção: evitamento, protecção e autodefesa. O formato de resposta era dicotómico (Sim/Não) às questões que remetiam o participante a indicar se “por razões de segurança:” optariam pelos seguintes comportamento de segurança:

. **Evitamento:** “Evita contactos com determinadas pessoas”, “evita determinadas ruas ou sítios” e “evita sair à noite”.

. **Protecção:** “Costuma deixar uma luz acesa de sua casa quando sai à noite?”, “Tem Fechaduras de Segurança ou Alarmes na Habitação” e “Quando se ausenta de sua casa, por 2 ou mais dias, pede aos vizinhos para a vigiarem?”.

. **Defesa pessoal:** “Pratica desportos de defesa pessoal (karaté, judo...)” e “Tem armas de defesa pessoal”.

Para cada variável foi contabilizado o número de respostas afirmativas em cada dimensão. Portanto, os valores podem variar de 0 (nenhum) e os 3 comportamentos distintos (1-Evitamento, 2-Protecção e 3-Protecção).

3. Resultados

1. *Exposição à violência nos media sociais e vida real: relação com a preocupação com vítimas, insegurança, percepção de risco de crime, comportamentos de segurança e desejo de punição do agressor*

Iniciámos a análise dos resultados com a apresentação das correlações entre as variáveis de exposição aos media sociais, incluindo à exposição à violência através destes meios de comunicação social e exposição à violência na vida real, e as variáveis critério: *Preocupação com as vítimas, insegurança, percepção de risco de crime, comportamentos de segurança e desejo de punição do agressor*. Em relação à correlação entre estas variáveis, os resultados mostraram que a insegurança, a percepção de risco de crime e os comportamentos de segurança estão associados entre si no sentido que era esperado, isto é, quanto maior a insegurança, maior o risco percebido, $r(90) = .39, p < .001$, e maior o relato de comportamentos de evitamento, $r(87) = .22, p = .039$, e de protecção, $r(88) = .23, p = .028$. Por outro lado, o risco de crime percebido mostrou-se associado positivamente apenas a comportamentos de autodefesa, $r(86) = .33, p = .028$. Verifica-se ainda que os comportamentos de evitamento, autodefesa e protecção são independentes entre si, não mostrando associação estatisticamente significativa, $p > .05$.

As análises apresentadas no **Quadro 1**, tiveram como objectivo analisar a relação entre a experiência mediática - horas de consumo de televisão e o consumo de conteúdos relacionados com o crime e a violência – nas atitudes e nos comportamentos dos participantes. Verificou-se que o consumo de horas de televisão não se mostrou associado às variáveis critério. No entanto, ao ter em consideração a exposição a conteúdos reais e ficcionais de violência verificámos a existência de relação entre a exposição a conteúdos reais com a percepção de risco de crime, $r(86) = .25, p = .017$. Esta mesma variável (percepção de risco de crime) mostrou-se associada ao consumo de violência nos jornais, internet, redes sociais e exposição real à violência no bairro, $p < .05$. Verificou-se também uma relação entre a exposição à violência nas redes sociais e a Preocupação Global com as vítimas de crime, $r(84) = .24, p = .028$. Assim como foi

verificado uma relação entre a exposição à violência na Rádio e a Preocupação com as vítimas culpáveis, $r(83) = .23, p = .033$. Em relação à Preocupação com as vítimas de crime de Propriedade, existe uma relação desta variável e a exposição à violência nos jornais, $r(84) = .22, p = .037$, e nas redes sociais, $r(83) = .22, p = .042$.

Quanto à Insegurança, esta variável apenas se encontrou associada à exposição de violência no Bairro, $r(85) = .25, p = .019$. Em relação aos comportamentos de protecção, apenas o comportamento de autodefesa se encontra associado à exposição da violência nos jornais e na internet, respectivamente, $p < 0.05$. Por último, em relação à Punição, apenas a Prisão Preventiva se encontra associada ao consumo de violência na Internet, $r(85) = .25, p = .018$.

Quadro 1.

Correlações de Pearson entre as variáveis predictoras (exposição nos media sociais, real) e as variáveis critério (Preocupação com as vítimas, Insegurança, Risco do Crime, comportamentos de segurança e Punição) para a amostra global.

Variáveis Critério		Exposição nos media sociais							Exposição real	
		Televisão		Crimes de violência em...					Bairro	
		Nº Horas	Crime		Jornais	Rádio	Pesquisas	Redes		
			Crime real	Ficcional			Internet	sociais		
Vítimas	Global	<i>r</i>	.060	.150	.178	.171	.162	.068	.240	.024
		<i>p</i>	.572	.168	.099	.117	.140	.537	.028	.824
		N	90	86	87	85	84	86	84	85

		Exposição nos media sociais							Exposição real
Variáveis Critério	Televisão		Crimes de violência em...						
			Crime		Pesquisas		Redes		
	Nº Horas	Crime real	Ficcional	Jornais	Rádio	Internet	sociais	Bairro	
	<i>r</i>	.083	.104	.124	.096	.001	.101	.201	-.014
Vulneráveis	<i>p</i>	.437	.341	.254	.382	.994	.356	.067	.896
	N	90	86	87	85	84	86	84	85
	<i>r</i>	.006	.113	.155	.126	.235	-.023	.204	.055
Culpáveis	<i>p</i>	.957	.302	.153	.254	.033	.837	.064	.621
	N	89	85	86	84	83	85	83	84

Variáveis Critério	Exposição nos media sociais								Exposição real
	Televisão			Crimes de violência em...					
	Nº Horas	Crime		Pesquisas		Redes		Bairro	
		Crime real	Ficcional	Jornais	Rádio	Internet	sociais		
Crimes de Propriedade	<i>r</i>	.025	.125	.171	.228	.113	.085	.224	.035
	<i>p</i>	.814	.256	.114	.037	.308	.438	.042	.754
	N	89	85	86	84	83	85	83	84
Insegurança	<i>r</i>	-.064	.038	-.076	-.019	.135	.088	.150	.253
	<i>p</i>	.551	.730	.487	.867	.222	.420	.173	.019
	N	90	86	87	85	84	86	84	85

Variáveis Critério		Exposição nos media sociais							Exposição real
		Televisão			Crimes de violência em...				
		Nº Horas	Crime real	Crime		Pesquisas		Redes	Bairro
				Ficcional	Jornais	Rádio	Internet	sociais	
Risco de Crime (Medo de Crime)	<i>r</i>	.071	.257	.172	.336	.234	.243	.258*	.305
	<i>p</i>	.508	.017	.112	.002	.032	.024	.018	.005
	N	90	86	87	85	84	86	84	85
Segurança	<i>r</i>	-.118	-.064	-.162	.129	.109	.128	.152	.118
	<i>p</i>	.277	.563	.140	.250	.332	.247	.176	.291
	N	87	83	84	82	81	83	81	82

		Exposição nos media sociais							Exposição real
Variáveis Critério	Televisão		Crimes de violência em...						
	Nº Horas	Crime real	Crime		Pesquisas		Redes	Bairro	
Ficcional			Jornais	Rádio	Internet	sociais			
	<i>r</i>	.004	.042	-.067	-.019	-.001	-.018	-.076	-.054
Proteção	<i>p</i>	.971	.706	.541	.862	.995	.868	.500	.625
	N	88	84	85	83	82	84	82	83
	<i>r</i>	.013	.185	.120	.317	.033	.357	.153	.086
Autodefesa	<i>p</i>	.909	.097	.279	.004	.768	.001	.175	.444
	N	86	82	83	81	80	82	80	81

		Exposição nos media sociais							Exposição real	
Variáveis Critério	Televisão			Crimes de violência em...						
	Nº Horas	Crime real	Crime		Pesquisas		Redes	Bairro		
Ficcional			Jornais	Rádio	Internet	sociais				
Punição	<i>r</i>	-.104	-.016	-.164	.050	-.054	-.255	.089	-.185	
	A favor da prisão preventiva	<i>p</i>	.334	.882	.132	.649	.630	.018	.424	.092
		N	89	85	86	84	83	85	83	84
		<i>r</i>	.088	.026	-.042	-.082	-.129	-.142	.014	-.111
	A favor da pena máxima	<i>p</i>	.413	.815	.701	.460	.245	.196	.899	.314
		N	89	85	86	84	83	85	83	84

		Exposição nos media sociais							Exposição real
Variáveis Critério	Televisão		Crimes de violência em...						
			Crime		Pesquisas		Redes		
	Nº Horas	Crime real	Ficcional	Jornais	Rádio	Internet	sociais	Bairro	
Contra a	<i>r</i>	-.065	.008	.125	.163	.103	.069	-.108	-.036
libertação bom	<i>p</i>	.550	.942	.262	.147	.364	.537	.342	.751
comportamento	<i>N</i>	86	82	83	81	80	83	80	81

1. Verificação da eficácia da manipulação

A verificação da eficácia da manipulação foi efectuada através do relato emocional que o participante manifestou após o relato do evento de crime e através da escala das emoções. Na avaliação do relato que o participante expressou foi solicitada a colaboração de três avaliadores. Em primeiro lugar, um avaliador externo, que desconhecia os objectivos do estudo, codificou os excertos dos participantes considerando várias questões, entre as quais destaca-se duas perguntas que remetiam para: 1) avaliação da emoção que o participante terá sentido durante a recordação do evento de crime (“o autor do relato sentiu: raiva ou medo, ambas ou nenhuma?”); 2) Indicação de outras possíveis emoções (“Que outras emoções sentiu o autor do relato”)?

Em segundo lugar, como critério de avaliação, tivemos em consideração o consenso entre outros dois avaliadores, que analisaram os relatos dos participantes, a avaliação do codificador externo e ainda as respostas dos participantes nas subescalas de avaliação da raiva e medo. Com base nestes critérios houve reformulação da composição dos dois grupos de indução de emoções. A composição final dos grupos é de 83 participantes, 34 pertencentes ao grupo de indução raiva, 12 de medo e 30 grupo de controlo (sem emoções induzidas).

O **Quadro 2**, mostra a comparação entre os dois grupos relativamente ao relato das emoções medo e raiva na sua constituição inicial, quer após a validação através das análises de conteúdo.

Quadro 2. *Comparações entre os Dois Grupos (Raiva e Medo) relativamente às Emoções de que expressaram (Medo e Raiva), nas Duas Fases de Avaliação dos Resultados (Pré e Pós Validação do Conteúdo).*

Emoções	Grupo				<i>t</i>	<i>p</i>
	Raiva		Medo			
Fase pré-validação	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Raiva	4.89	1.78	5.49	1.68	-1.28	0.206
Medo	3.29	1.52	4.70	1.97	-2.93	0.005
Fase pós-validação						
Raiva	5.27	1.57	5.39	1.56	-0.23	0.818
Medo	3.50	1.68	5.49	1.44	-3.65	0.001

Conforme se pode verificar no Quadro 2, quer na pré-validação dos grupos, quer na fase posterior de validação, os resultados foram semelhantes. Assim, verificou-se que não houve diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em relação à raiva que os participantes expressaram (ambos $p > .05$). Por contraste, houve diferenças entre os grupos em relação ao medo que reportaram. O grupo induzido a sentir medo sentiu mais medo do que o grupo induzido a sentir raiva (ambos $p < .01$). Por outro lado, em ambas as fases de avaliação dos resultados, a raiva foi a emoção sentida com maior intensidade: fase pré-validação $M_{raiva} = 5.15$, $DP_{raiva} = 1.14$, versus $M_{medo} = 3.96$; $DP_{medo} = 1.87$, $t(52) = 5.21$, $p < .001$; e fase pós-validação, $M_{raiva} = 5.30$, $DP_{raiva} = 1.55$, versus $M_{medo} = 4.02$; $DP_{medo} = 1.83$, $t(46) = 5.05$, $p < .001$.

2. Efeito do medo e raiva na preocupação/empatia com vítimas, insegurança, percepção de risco de crime, comportamentos de segurança e desejo de punição do agressor

No **Quadro 3** apresentamos os resultados das Análises de Variância Univariadas (ANOVAs) comparando os três grupos nas variáveis dependentes (Preocupação com vítimas, sentimento de insegurança, percepção do risco, comportamentos de Protecção e

Desejo de Punição), considerando os resultados dos grupos da fase pós-validação dos conteúdos.

Quadro 3. *Comparações entre os Três Grupos (Raiva, Medo, Sem Indução) relativamente às variáveis dependentes.*

Variáveis Dependentes	Grupo						F	p
	Indução de Raiva (N = 34)		Indução de Medo (N = 12)		Sem indução (N= 30)			
	M	SD	M	SD	M	SD		
Preocupação com								
Vítimas (Geral)	3,05	0.49	3,07	0.60	2,81	0.88	1.046	0,357
"Vulneráveis"	3,68	0.41	3,58	0.60	3,55	0.87	1.867	0,162
"Culpáveis"	2,36	0.70	2,40	0.82	2,21	1.17	.263	0,770
Crime propriedade	2,61	0.86	2,66	0.63	2,49	1.03	.199	0,820
Insegurança	1,90	0.83	1,82	0.66	1,94	0.84	.114	0,892
Risco de Crime	1,60	0.91	1,50	0.52	1,55	0.68	.028	0,972
Comportamentos de								
Segurança								
Evitamento	1,40	0.86	1,82	0.87	1,47	1.00	0.876	0,421
Proteção	0,61	0.65	0,73	0.79	0,83	0.79	.696	0,502
Autodefesa	0,36	0.55	0,90	0.60	0,60	0.77	2.902	0,061
Desejo de Punição								
Prisão Preventiva	2,94	1.04	3,27	0.65	3,17	0.79	.797	0,455
25 Anos de Prisão	2,62	1.50	2,54	0.93	2,43	1.52	.130	0,878
Bom Comportamento	1,94	1.11	2,33	1.17	2,13	1.04	.615	0,544

Conforme se pode constatar, não houve diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para a maioria das variáveis dependentes, embora o resultado nos comportamentos de autodefesa sejam marginalmente significativos, $F(2,71) = 2.90$, $p=.061$.

Atendendo à dificuldade em induzir de modo independente as emoções raiva e medo, em particular porque a raiva foi manifestamente experienciada pelos participantes em ambos os grupos, foram efectuadas análises complementares que pretendem analisar em que medida as emoções experienciadas durante a indução emocional têm efeito nas variáveis dependentes, independentemente do grupo no qual os participantes foram inseridos. Os resultados das correlações entre o relato das

emoções experienciadas (medo e raiva) e as variáveis dependentes são apresentados no Quadro 4.

Quadro 4.

Correlações de Pearson entre as emoções experienciadas e as variáveis dependentes

Variáveis Dependentes		Emoções	
		Anger	Fear
Preocupação com Vítimas	Global	<i>r</i> .25	.28*
		<i>p</i> .068	.045
	Vulneráveis	<i>r</i> .237	.135
		<i>p</i> .085	.334
	Culpáveis	<i>r</i> .191	.149
		<i>p</i> .171	.291
	Crimes de Propriedade	<i>r</i> .093	.28*
	<i>p</i> .506	.048	
Comportamentos Segurança	Insegurança	<i>r</i> -.063	.208
		<i>p</i> .651	.136
	Risco de Crime (Medo de Crime)	<i>r</i> .196	.160
		<i>p</i> .156	.254
	Evitamento	<i>r</i> .134	.346
		<i>p</i> .348	.014
	Proteção	<i>r</i> -.048	-.100
	<i>p</i> .738	.485	
Punição	Autodefesa	<i>r</i> -.208	-.313
		<i>p</i> .143	.027
	A favor da prisão preventiva	<i>r</i> .042	.277
		<i>p</i> .765	.047
	A favor da pena máxima	<i>r</i> .330	.237
		<i>p</i> .016	.091
	Contra a libertação bom comportamento	<i>r</i> -.058	-.139
		<i>p</i> .690	.342

Podemos observar destas análises que quanto maior o relato de medo maior a preocupação com as vítimas no geral, $r(53) = .27, p = .045$, embora apenas com vítimas de crime de propriedade, $r(52) = .27, p = .048$. Verificou-se ainda que quanto maior o medo maior os comportamentos de segurança ao nível do evitamento, $r(50) = .34, p = .014$, mas menos comportamento de auto-defesa, $r(50) = -.31, p = .027$. Verificou-se ainda que quanto maior medo, maior manifestação de punição em relação à Prisão Preventiva, $r(52) = .27, p = .047$. Por outro lado, a raiva apenas se mostrou associada ao relato de punição a favor da pena máxima, $r(53) = -.33, p = .016$.

3- DISCUSSÃO e CONCLUSÃO

O nosso presente estudo teve como primeiro objectivo analisar a relação entre a exposição mediática dos participantes - horas de consumo de televisão e o consumo de conteúdos relacionados com crime e violência - e a sua relação com a insegurança, a percepção de risco e os comportamentos de segurança. Esperávamos que os participantes consumidores de um maior número de horas de televisão e maior consumo de conteúdos relacionados com crime e violência, obtivessem estimativas elevadas ao nível do sentimento de insegurança, percepção de risco de crime e nos comportamentos de segurança. No entanto, verificámos que o consumo de horas no geral não se mostrou associado às variáveis dependentes. No entanto, constatou-se que os participantes que consumiam mais conteúdos reais de violência na televisão, assim como em jornais, internet, redes sociais e ainda exposição real à violência no bairro, relataram maior percepção do crime, isto é, de poderem ser vítimas de crime. Estes resultados vão de encontro à teoria de crenças (1976), segundo a qual a percepção do risco de crime é potenciada aquando o consumo regular de conteúdos de crime e violência nos *media*. Em relação ao sentimento de insegurança e a sua associação com a exposição de violência no Bairro ou zona de residência, os resultados encontrados vão de encontro ao estudo de Doob e MacDonald (1979), os quais verificaram que o sentimento de insegurança associado ao medo, não estaria relacionado com a exposição ao crime e violência nos *media*, ao invés, essa relação estaria associada "quanto maior" fossem os

níveis de criminalidade na comunidade onde o indivíduo residisse. Em relação aos comportamentos de segurança, os resultados mostraram apenas uma associação com a exposição à violência nos jornais e na internet, não sendo assim possível generalizar uma associação entre a exposição ao crime e violência em apenas dois formatos e a sua relação com os comportamentos de segurança.

Em relação aos resultados do estudo experimental realizado, verificou-se, numa primeira fase, que a eficácia da manipulação do medo e raiva nos participantes foi apenas parcialmente verificada. Apesar de que se ter verificado que o medo foi superior na condição de indução de medo do que na condição de indução de raiva, não houve diferenças no relato de raiva entre as duas condições. Ou seja, em ambos os grupos de indução, o sentimento de raiva foi predominante. Adicionalmente foram analisados os conteúdos das descrições dos eventos nos dois grupos de modo a garantir que os temas dominantes nos dois grupos correspondiam às emoções que se pretendiam induzir.

Através da formação destes dois grupos e do grupo de controlo, foram testadas as hipóteses de que o grupo de indução de medo tenderia a reportar mais sentimentos de insegurança, maior percepção de risco de crime/vitimização, e mais comportamentos de segurança do que os outros dois grupos (raiva e controlo). A análise dos resultados não permitiu confirmar a nossa hipótese, existindo no entanto uma tendência para o grupo de indução de medo referisse adoptar mais comportamentos de autodefesa. No caso da hipótese que propunha que os participantes induzidos a sentir raiva iriam ter maior desejo de punir o agressor e maior preocupação pelas vítimas, em comparação com os grupos de indução de medo e controlo, os resultados também evidenciaram não existir diferenças significativas entre os três grupos.

Atendendo à dificuldade de indução das emoções raiva e medo de um modo independente, decidimos efectuar análises complementares, testando os efeitos das emoções experienciadas após a indução nas variáveis dependentes, independentemente do grupo no qual os participantes foram inseridos. No entanto, ao contrário das hipóteses propostas, não houve associações significativas entre a intensidade destas emoções e a preocupação com as vítimas nas subescalas. Verificou-se, no entanto, que quanto mais medo experienciado, maior a preocupação com as vítimas no geral. Verificou-se ainda que maior medo se associou a mais comportamentos de segurança ao

nível do evitamento. No caso do relato de punição, onde era esperado estimativas mais elevadas para a emoção de raiva, esta apenas se manifestou associada à concordância com a adopção da pena máxima prevista na lei portuguesa (25 anos de prisão efectiva).

Podemos concluir sobre o impacto do crime e violência nas emoções – medo e raiva – que as nossas hipóteses não obtiveram os resultados esperados, apesar de alguns resultados terem ido de encontro ao previsto, nomeadamente a nossa primeira hipótese que relacionava a exposição aos conteúdos de crime e violência por parte dos consumidores regulares, a uma maior percepção do risco de vitimização e sentimento de insegurança.

Quanto às limitações do presente estudo, as mesmas estiveram relacionadas com os resultados da eficácia das manipulações emocionais onde era pretendido conseguir o condicionamento dos participantes ao nível do medo, ou da raiva. O facto de não se ter conseguido fazer com que os participantes sentissem medo ou raiva após a recordação de um evento de crime violento, poderá estar relacionado com as várias emoções que normalmente são sentidas aquando da exposição nos *media* a este tipo de eventos, sendo o nojo, a raiva e o medo, as emoções que geralmente as pessoas sentem (Newhagen, 1998). A utilização de imagens/vídeos relacionados com o mesmo tipo de eventos e onde seja possível distinguir o medo da raiva ao nível das características dos conteúdos, poderá ser uma alternativa no sentido de perceber depois as tendências psicossociais dos indivíduos ao nível do crime. O tamanho da amostra poderá ter sido também uma das limitações do estudo, a par do tipo de grupo de controlo utilizado, no qual não foram medidas as emoções. A utilização de medidas psicofisiológicas teriam sido importantes neste tipo de estudo a fim de se poder distinguir a raiva do medo ao nível fisiológico – hormonal, respiratório e bática cardíaca.

O estudo poderá ser relevante para estudos futuros relacionados com a problemática do crime violento, devido à escassez de estudos actualizados sobre o tema.

O estudo contribui-o para a compreensão do impacto das emoções ao nível do universo do crime violento veiculado pelos *media*, sobretudo ao nível das atitudes e comportamentos da população portuguesa face ao crime violento.

Referências Bibliográficas

Arriaga, P. , Esteves, F. & Gaspar, M. (2011). Playing with violence: An updated review on the effects of playing violent electronic games. In *M. M. Cruz-Cunha, V. H. Carvalho, & P. Tavares (Ed.), Business, Technological and Social Dimensions of Computer Games: Multidisciplinary Developments*, 271-292. Hershey, PA: IGI Global.

Arriaga, P., Dolf Zillmann & Esteves, F. (2016). The promotion of violence by the mainstream media of communication. In *J. Vala, S. Waldzus, & M. Calheiros (Ed.), The Social Developmental Construction of Violence and Intergroup Conflict*, 171-195. New York: Springer International Publishing.

Arriaga, Patrícia (2006). *Torneios (ir)reais violentos em jogos electrónicos: Efeitos Psicológicos e Sociais*. Repositório do ISPA/Psicologia Social/Psoc/Tese de Doutoramento. Publisher: Iscte.

Bandura, A. (1971). *Social learning theory*, New York, NY: General Learning

Brader, Ted, Eric W. Groenendyk, and Nicholas, A. Valentino (2010). *Fight or Flight? When Political Threats Arouse Anger and Fear*. University of Michigan. Disponível em:

<https://docplayer.net/63756817-Fight-or-flight-when-political-threats-arouse-public-anger-ted-brader-university-of-michigan-eric-w-groenendyk-university-of-memphis.html>

Carrilho, S.M. (2008). *A criança e Televisão: Contributo para o estudo da recepção*. Editora Bond.

Clements Carl B., Brannen, Dia N., Kirkley, Shalene M., Gordon, Trina, & Church II, Wesley T. (2006). The measurement of concern about victims: Empathy, victim advocacy and the Victim Concern Scale (VCS). *Legal and Criminological*, 11, 283-295.

Damásio, António (1994). *O Erro de Descartes*. Publicações Europa-América.

Damásio, António (2010). *O Livro da Consciência*. Círculos de Leitores.

Dickinson, A., & Dearing, M. F. (1979). Appetitive-aversive interactions and inhibitory processes. In *A. Dickinson & R. A. Boakes (Eds.), Mechanisms of learning and motivation*, 203-231. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Dowler, K. (2003). Media consumption and public attitudes toward crime and justice. *School of Criminal Justice, University at Albany, Journal of Criminal Justice and Popular Culture*, 10(2), 109-126.

Doob, A. N., & Macdonald, G. E. (1979). Television viewing and fear of victimization: Is the relationship causal? In *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 170-179.

Gerbner, G. (1972). "The violence profile: Some indicators of trends in and the symbolic structure of network television drama 1967-1971". In *Surgeon General's Report by Scientific Advisory Committee on Television and Social Behavior, Appendix A*. (Hearings before the Subcommittee on Communications on Commerce, U.S. Senate, Serial No. 92-52.) Washington, DC: US Government Printing Office, 453-526.

Gerbner, G. & GROSS, L. (1976). Living with: The violence profile, *Journal of Communication*, 26, 173-199.

Guedes, Inês (2012). *Sentimento de insegurança. Personalidade e Emoções Disposicionais: Que relações?* Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto.

Harmon-Jones, C., Bastian, B., & Harmon-Jones, E. (2016). *The Discrete Emotions Questionnaire: A New tool for Measuring State Self-Reported Emotions*. PLoS ONE 11(8): E0159915.

Jorge, Vala, Lima, Luísa & Jerónimo, Rita (1997). *Avaliação da Violência na Televisão Portuguesa*. Alta Autoridade para comunicação social.1997.

Konorsky, J. (1967). *Integrative activity of the brain*. Chicago: University of Chicago Press.

Loiola, Rita (2014). O que atrai nos vídeos violentos? *Revista Veja*. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/ciencia/o-que-atrai-nos-videos-violentos/>

Machado, C. (2004). *Crime e Insegurança. Discursos do Medo, Imagens do Outro*. Lisboa: Editorial Notícias.

Moreira & Monteiro (2009). *Televisão e crenças sobre realidade social*. PSICOLOGIA. Vol. XXIII (1). 2009. Edições Colibri. Lisboa, 27-54.

Newhagen, J.E (1998). TV news images that induce anger, fear, and disgust: Effects on Approach-avoidance and memor, In *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 42. 2, 265-27, Doi: 10.1080/088838159809364448.

Keinan, G., Sadeh, A., J Rose, S. (2003). Attitudes and reactions to media coverage of terrorists acts. In *Journal of Community Psychology*, 31(2),149-165.

Gomes, V.I, Dina (2010). *Violência na Televisão: A percepção e o consumo dos media nas crianças* (Dissertação de Doutoramento). Universidade Fernando Pessoa, FCHS. Porto. 2010.

Penedo, Cristina (2003). *O Crime nos Media. Impacto e valor simbólico das histórias transgressivas*. Universidade Nova de Lisboa.

Pereira, Rosa (2011). *Análise Social*, vol. XLVI(198), 115-135.

Solloway, Tyler, Slater, Michael D., Chung, Adrienne & Goodall (2013). Anger, Sadness and Fear in Response to Breaking Crime and Accident News Stories: How emotions Influence Support for Alcohol-Control Policies via Concern about Risks. *J.Media Psychol.* 2013 January 1; 160-170. Doi: 10.1027/1864-11057/a000098.

Schildkraut, J., Elsass, H. J., & Stafford, M. C. (2015). Could it happen here? Moral panic, school shootings, and fear of crime among college students. *Crime, Law and Social Change*, 63(1-2), 91-110.

Wirth, Werner & Schramm, Holger (2005). *Media and Emotions*. Institute for Mass Communication and Media Research. University of Zurich. Volume 24. No.3.

Zillmann, D. (1998). The Psychology of the appeal of portrayals of violence. In *J. H. Goldstei(Ed), Why we Watch: The attractions of violent entertainment* (pp. 179-211). New York: Oxford University Press.

(2017/2018, Novembro 15), Retrieved, Julho 1, 2017, fromzapping:
<http://www.zapping-tv.com/linha-aberta-bate-novo-recorde-de-audiencia>

ANEXOS

Peço-lhe por favor que leia os relatos em azul com atenção. Seguidamente, responda às nove perguntas em função do que é descrito pelo o autor de cada relato.

Obrigado pela sua participação!

Vi a acção completa dos assassinos em um vídeo que assisti no facebook. Eram cinco homens no vídeo, três deles pertenciam à segunda maior facção criminosa do Brasil (PCC, primeiro comando da capital). Os mesmos três homens estavam armados com uma espingarda de caça de curto alcance e dois revólveres calibre 38, enquanto gravavam o vídeo, os outros dois homens que pertenciam a grupos rivais/facções cavavam a cova onde se iam deitar para morrer. Assim que acabaram de cavar, deitaram-se e esperaram o momento que seriam mortos. Os três homens do PCC antes de os matarem, disseram a seguinte frase: "São só mais dois para servirem de exemplo". Atiraram nas costas e na cabeça dos outros dois homens várias vezes, jogaram gasolina e atiraram fogo sobre os corpos, enquanto queimavam acenderam um cigarro de maconha e comemoraram a vitória.

Em relação a este relato, diga-me por favor se o autor sentiu o seguinte: raiva ou medo, nenhuma destas emoções, ou ambas?

.....

Independentemente da opção escolhida acima – medo ou raiva -, indique por favor o/a responsável pelo evento que causou a emoção no autor do relato?

.....

O que esteve na origem da emoção?

.....

Qual é o tópico principal do relato?

.....

O autor do relato viu a notícia através das redes sociais ou na televisão, em ambos ou em nenhum destes?

.....

Qual dos dois protagonistas teve maior impacto nas emoções do indivíduo responsável pelo relato, a vítima ou o agressor?

.....

Acha que a possibilidade de o autor do relato ser vítima de um crime

“o faz sentir mais medo ou raiva”?

.....

Segundo o discurso e as palavras do autor do relato, acha que o mesmo descreve um comportamento de evitamento face à vítima e ao problema, ou de aproximação face à vítima e punição face ao agressor? :

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Bem-Vindo, o meu nome é André Margalho, solicitamos a sua colaboração no preenchimento de um questionário que tem como objetivo recolher informação acerca das atitudes dos Portugueses em relação à problemática do crime e violência. O estudo está enquadrado no trabalho de Dissertação de Mestrado em Ciências em Emoções sob a orientação da Professora Patrícia Arriaga.

Condições do Estudo e Benefícios da Participação

O estudo, na sua totalidade, deverá demorar entre 20-25 minutos. Ao colaborar terá a oportunidade de contribuir com dados úteis para o conhecimento científico neste domínio. Não existem quaisquer riscos, físicos ou psicológicos, associados ao estudo em questão.

Voluntariado

A sua participação neste estudo é voluntária. Tem a possibilidade de negar a participação ou de se retirar do estudo, a qualquer momento, sempre que assim o entender, sem qualquer prejuízo.

Confidencialidade, Privacidade e Anonimato

De acordo com as normas da Comissão de Proteção de Dados, os seus dados são anónimos e as respostas individuais serão tratadas de forma confidencial e em grupo, ou seja, as suas respostas serão identificadas através de um código, sendo a informação introduzida numa base de dados em conjunto com as respostas de outros participantes, a

qual será guardada durante um período de 5-10 anos. Será efetuado tratamento estatístico da informação recolhida, com base nos dados recolhidos de todos os participantes e os resultados do estudo (mas nunca as suas respostas individuais) poderão ser divulgados ou publicados em contextos de natureza científica e/ou pedagógica.

Caso aceite colaborar leia atentamente todas as questões e responda do modo mais sincero possível.

Tendo tomado conhecimento sobre a informação disponível do estudo, declaro aceitar participar.

Contactos dos Investigadores Responsáveis:

Caso queira colocar alguma pergunta acerca deste estudo ou sobre a sua participação, por favor não hesite em contactar os investigadores.

André Margalhos (margalho76@iscte.pt);

Patrícia Arriaga (patricia.arriaga@iscte.pt);

1ª PARTE – INFORMAÇÃO PESSOAL

Para cada uma das opções que encontrar assinale com uma cruz (X) a que mais se adequa ao seu caso:

1. **Sexo:** Masculino ₁ Feminino ₂

2. **Idade:** _____anos

3. **Escolaridade/Habilitações (concluída):**

4º ano (1º ciclo) ₁ 6º ano (2º ciclo) ₂ 9º ano (3º ciclo) ₃

12º ano ₄ Licenciatura ₅ Mestrado ₆

Doutoramento ₇

4. **Estado civil:**

Solteiro ₁ Casado ₂ Em união de facto ₃ Separado/divorciado

₄ Viúvo ₅

5. **Com quem vive?**

Sozinho ₁ Com a família nuclear ou outros familiares ₂

Com outras pessoas (ex., num quarto alugado) ₃

6. **Ocupação:**

Estudante ₁ Trabalhador ₂ Trabalhador-estudante ₃ Desempregado ₄

Reformado ₅

7. Caso estude, qual o curso que frequenta?

8. Nacionalidade: Portuguesa ₁ Outra ₂ (Especifique):

10. Quantas horas por semana ocupa a ver televisão? _____ horas

11. Para cada um dos seguintes meios de informação, indique-nos a frequência com que é exposto a crimes de violência:

Nunca	Ocasionalmente	Com alguma frequência	Com muita frequência	Quase sempre
0	1	2	3	4

1. TV (Crime real em Noticiários e/ ou Documentários)	0	1	2	3	4
2. TV (Crime Ficcional, ex. Filmes, Séries)	0	1	2	3	4
3. Jornais diários ou semanários (impresso ou online)	0	1	2	3	4
4. Rádio	0	1	2	3	4
5. Pesquisas na Internet	0	1	2	3	4
6. Redes sociais (ex: Facebook, Twitter, Google+)	0	1	2	3	4
7. Bairro em que vive e/ou locais que frequenta	0	1	2	3	4
8. Outro. Especifique: _____	0	1	2	3	4

12. Já foi vítima de algum dos seguintes crimes?

	Nã o	Sim	Se SIM, número de vezes no último ano
1. Roubo do seu veículo ou do interior do veículo	N	S	_____
2. Assalto à casa em que habita	N	S	_____
3. Roubo sem ter havido violência por parte do assaltante	N	S	_____
4. Roubo em que houve violência por parte do assaltante	N	S	_____
5. Ameaças de violência/agressão	N	S	_____
6. Agressão violenta	N	S	_____
7. Sequestro	N	S	_____
8. Outro. Especifique: _____	N	S	_____

Pedimos-lhe agora que procure recordar-se de uma notícia sobre um CRIME DE VIOLÊNCIA REAL (i.e., não ficcional), no qual tenha sido exposto a IMAGENS EXPLÍCITAS da VIOLÊNCIA, divulgadas nas redes sociais ou em meios de comunicação social (TV, rádio) NO ÚLTIMO ANO.

É importante que a notícia o tenha feito sentir REVOLTA com muita intensidade. Ou seja, procure recordar-se de uma notícia de crime de violência que o tenha feito sentir muito irritado, zangado, revoltado, com muita RAIVA.

Para facilitar este processo de recordação pedimos-lhe que feche os olhos, durante cerca de 5 minutos, de forma a “reviver” o momento e facilitar posteriormente a sua descrição.

Ao relembrar os eventos, procure reviver a emoção que sentiu naquele preciso momento, tão intensamente quanto possível.

Quando estiver com a situação em mente e a reviver a REVOLTA ou RAIVA que sentiu intensamente, vire a página e descreva-a com o maior detalhe possível.

13. Pedimos-lhe que escreva essa notícia e o que sentiu o mais detalhadamente possível, Descreva o que se passou, o canal de informação que divulgou essa

Tempo limite: 5 minutos

14. Em relação a essa notícia de crime que acabou de descrever, indique para cada uma das seguintes emoções, a intensidade com que as sentiu. Assinale com uma cruz (X) o número correspondente à sua opinião, usando a seguinte escala.

	Não senti a emoção minimamente			Senti-me assim assim			Senti a emoção com muita intensidade		
	1	2	3	4	5	6	7		
1. Irritado/a			1	2	3	4	5	6	7
2. Triste			1	2	3	4	5	6	7
3. Contente			1	2	3	4	5	6	7
4. Com medo			1	2	3	4	5	6	7
5. Repugnado/a			1	2	3	4	5	6	7
6. Assustado/a			1	2	3	4	5	6	7
8. Nauseado/a			1	2	3	4	5	6	7
9. Nervoso/a			1	2	3	4	5	6	7
10. Furioso/a			1	2	3	4	5	6	7
11. Frustrado/a			1	2	3	4	5	6	7
12. Desgostoso/a			1	2	3	4	5	6	7
13. Deprimido/a			1	2	3	4	5	6	7
14. Divertido/a			1	2	3	4	5	6	7
15. Enojado/a			1	2	3	4	5	6	7
16. Animado/a			1	2	3	4	5	6	7
18. Revoltado/a			1	2	3	4	5	6	7
19. Alegre			1	2	3	4	5	6	7
20. Comovido/a			1	2	3	4	5	6	7
21. Aterrorizado/a			1	2	3	4	5	6	7
22. Irado/a			1	2	3	4	5	6	7

15. Use a seguinte escala para indicar em que medida acha que as pessoas se devem preocupar com as seguintes vítimas:

	Nada	Alguma Preocupação	Moderada Preocupação	Muita Preocupação	Extrema Preocupação
	0	1	2	3	4

<u>Vítimas de sequestro</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas de agressão violenta</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas de agressão violenta</u>	0	1	2	3	4
<u>Traficantes de droga que são vítimas</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas de assaltos a propriedades e ladrões</u>	0	1	2	3	4
<u>Consumidores ou dependentes de drogas que são vítimas</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas de agressão doméstica</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas de assalto a automóveis</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas que pertencem a gangues</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas de abuso sexual infantil</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas de roubo de automóveis</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas que têm história criminal</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas de violação</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas de carteirista ou de assalto a pertences pessoais</u>	0	1	2	3	4
<u>Vítimas de crimes de ódio</u>	0	1	2	3	4

16. Indique, por favor, o seu grau de concordância relativamente ao uso de medidas punitivas nas situações descritas em baixo, tendo em conta a seguinte escala:

0	1	2	3	4
Discordo	Discordo	Não concordo	Concordo	Concordo
Fortemente		nem discordo		fortemente

A favor da prisão perpétua	0	1	2	3	4
A favor da prisão preventiva	0	1	2	3	4
A favor da pena máxima, correspondente a 25 anos de prisão em Portugal.	0	1	2	3	4
Contra a libertação da prisão de adultos por bom comportamento	0	1	2	3	4

17. Para cada um dos seguintes acontecimentos, pedimos-lhe que use a escala que se encontra em baixo para classificar a possibilidade, durante o próximo ano, de esse acontecimento “LHE SUCEDER A SI”:

Nada		Algo	Muito	Extremamente
provável	Pouco provável	provável	provável	Provável
0	1	2	3	4

1. Ser vítima de algum tipo de roubo ou assalto, sem violência	0	1	2	3	4
2. Ser vítima de algum tipo de violência por parte de pessoas conhecidas	0	1	2	3	4
3. Ser vítima de algum tipo de violência por parte de pessoas desconhecidas	0	1	2	3	4

18. Para cada um dos seguintes contextos, pedimos-lhe que use a escala que se encontra em baixo para indicar como é o seu sentimento de segurança/insegurança:

Muito inseguro	Inseguro	Nem inseguro, nem seguro	Seguro	Muito seguro
1	2	3	4	5

Quando está sozinho(a) na sua casa durante o dia	1	2	3	4	5
Quando está sozinho(a) na sua casa depois de escurecer	1	2	3	4	5
Quando caminha sozinho(a) na sua zona de residência durante o dia	1	2	3	4	5
Quando caminha sozinho(a) na sua zona de residência depois de escurecer	1	2	3	4	5
Quando está acompanhado(a), na sua zona de residência depois de escurecer	1	2	3	4	5

19. Para uma das seguintes situações assinale com uma cruz (X) por favor a sua opção resposta. Por razões de segurança:

Evita contactos com determinadas pessoas	SIM	NÃO
Costuma deixar uma luz acesa de sua casa quando sai à noite?	SIM	NÃO
Evita determinadas ruas ou sítios	SIM	NÃO
Pratica desportos de defesa pessoal (Karaté, Judo...)	SIM	NÃO
Evita sair à noite	SIM	NÃO
Tem Fechaduras de Segurança ou Alarmes na Habitação	SIM	NÃO
Quando se ausenta de sua casa, por 2 ou mais dias, pede aos vizinhos para a vigiarem?	SIM	NÃO
Tem armas de defesa pessoal	SIM	NÃO

Terminou.

Agradecemos bastante a sua participação!